

Leandro Sapucahy: novo álbum de sambas à vista

PÁGINA 5



Montagem premiada lança luz sobre o papel da arte

PÁGINA 6



Anthony Hopkins acerta contas com o seu passado

PÁGINA 8



#cm
2

QUINTA-FEIRA



Victor Juca/Divulgação

Blockbusters brasileiros à vista

‘O Agente Secreto’ estreia nesta quinta com a expectativa de lotar as salas de exibição, mas outros longas nacionais têm fôlego para garantir a qualidade da safra nacional de 2025

Por **RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

Torcidas se formam por todo o parque exibidor nacional para que, nos próximos dez dias, “O Agente Secreto”, que entra oficialmente em cartaz nesta quinta-feira (6), chegue à marca de 1 milhão de ingressos vendidos, apoiado no carisma de Wagner Moura, na laudatória acolhida pela crítica e na expectativa por uma indicação ao Oscar.

As pré-estreias pagas do thriller dirigido por Kleber Mendonça Filho mobilizaram cifras dignas de aplauso. Seu êxito pode reacender uma chama de sucesso que ardeu no primeiro semestre. Ao longo dos seis primeiros meses de 2025, o audio-

visual brasileiro gabaritou: a) conquistou o Oscar com “Ainda Estou Aqui”, que rendeu o Globo de Ouro a Fernanda Torres e totalizou 5,8 milhões de pagantes; b) viu “O Auto da Compadecida 2” totalizar 4,4 milhões de entradas vendidas; c) voltou a bombar no campo que um dia foi imbatível — a produção infantojuvenil - com as receitas altas de “Chico Bento e a Goiabeira Maravilhosa”, que cruzou a marca do milhão. Paralelamente, “Vitória”, de Andrucha Waddington, levou 732 mil espectadoras/es às salas de projeção, para aplaudir Fernanda Montenegro, e “Homem Com H” vendeu 641 mil tíquetes, embalado pelo canto de Ney Matogrosso (representado por Jesuíta Barbosa).

Continua nas páginas seguintes

Na saideira em 2025 **vem mais coisa boa**

Fernando Pastorelli/Divulgação



Leandro Hassum numa de suas melhores atuações como o Patrão em ‘Silvio Santos Vem Ai?’

Faltam dois meses para o ano cinéfilo entrar em balanço, mas o candidato a cult de Kleber Mendonça Filho não está a sós no empenho para elevar os números de nossa arrecadação e nosso prestígio, na ocupação de tela de um terreno sempre tomado por Hollywood. No próximo dia 20, Leandro Hassum entra em campo com “Silvio Santos Vem Ai”, de Chris D’Amato, que busca adesão popular ao revisitar a biografia de um titã da TV. Seu astro, que faturou aos tubos com as franquias “Até Que A Sorte Nos Separe” e “O Candidato Honesto”, promete o que pode ser seu melhor trabalho de interpretação. A produção recria os tempos em que o Homem do Carnê do Baú sonhou ser presidente da República.

Laureado com o Prêmio da Crítica na Mostra de São Paulo, na última quinta-feira, “A Natureza Das Coisas Invisíveis”, de Rafaela Camelo, tem fôlego para virar um hit, ao ocupar os complexos exibidores no próximo dia 27, a julgar pelo boca a boca que vem gerando desde sua primeira exibição, na Berlinale. Um achado do cinema do DF, o longa ganhou o Prêmio Especial do Júri no Festival de Gramado, em

agosto. Em sua trama, Glória, de 10 anos (Laura Brandão), acompanha a mãe, a enfermeira Antônia (Larissa Mauro), no trabalho, em um ambiente hospitalar onde pacientes de idade avançada padecem de moléstias diversas. A garota já conhece o local e costuma explorá-lo sozinha. Tem um passivo de enfermidade, expressa por uma marca em seu peito. Um dia, ela conhece Sofia (Serenina), que tem a mesma idade e está

lá por causa da bisavó (Aline Marta Maia), uma curandeira espiritual. Essa senhora sofre de Alzheimer, mas ainda faz suas invocações.

Também no dia 27 rola “Mãe Fora da Caixa”, de Manuh Fontes, com Miá Mello. A protagonista é uma mulher bem-sucedida, com uma rotina agitada que não permite imprevistos. Ela acredita ter tudo sempre sob controle, até a chegada de sua primeira filha.

Divulgação

**'A Natureza das Coisas Invisíveis', uma pérola brasileira coroadada na Mostra de SP**

Divulgação

Stella Carvalho/Divulgação

**Luiza Mariani tem interpretação em estado de graça em 'Cyclone'****Miá Mello na comédia 'Mãe Fora Da Caixa'**

Divulgação

**Glória Pires e Isabel Fillardis: uma dupla em sintonia em 'Sexa'**

A apoteose das atuações de nossa indústria cinematográfica gravitou alto de janeiro para cá, vide o prêmio de Melhor Atuação de Cannes para Wagner Moura em "O Agente Secreto".

A linha interpretativa de nossas estrelas voltará a sair das CNTPs na forma como Luiza Mariani vai modular o drama em "Cyclone", projetado em agosto na 27ª edição do Shanghai International Film Festival, em telas chinesas, e previsto para ser lançado em 4 de dezembro. Mais do que uma interpretação em estado de graça, o filme traz uma direção em maturidade absoluta de Flavia Castro. No enredo, a diretora de "Diário De Uma Busca" (2010) acompanha a história de Dayse (papel de Luiza), operária de uma gráfica que almeja ser reconhecida como dramaturga na conservadora São Paulo do início do

século XX. Sua inspiração (livre) é Maria de Lourdes Castro Pontes (1900-1919), autora chamada alternadamente de Deisi, Daisy, Dasinha, Miss Tufão e Miss Cyclone. O que se vê ali é o balanço de uma cidade feroz, SP, nas raízes da Semana de Arte Moderna. A fotografia de Helô Passos, dionisíaca, busca nas cores a tradução da ebulição vulcânica da protagonista.

Para 11 de dezembro, a aposta (das apostas) é o filme-delícia da Mostra de São Paulo: "Sexa", que marca a primeira incursão de Gloria Pires por trás das câmeras. Que delícia é ver uma das maiores estrelas de nosso cinema estrear na direção. Gloria é Bárbara, uma revisora de livros que, aos 60 anos, está indignada com as injustiças do envelhecimento. Depois de seu último romance, ela abre mão do amor para ter uma boa relação com o filho, que a vê como uma idosa recatada e do lar. Apesar desse rótulo, Bárbara quer tirar as caixinhas em que a depositaram do lugar. Para isso, vai conjugar o verbo "amar".

Que delícia é ver uma das maiores estrelas de nosso cinema estrear na direção. Gloria é Bárbara, uma revisora de livros que, aos 60 anos, está indignada com as injustiças do envelhecimento. Depois de seu último romance, ela abre mão do amor para ter uma boa relação com o filho, que a vê como uma idosa recatada e do lar. Apesar desse rótulo, Bárbara quer tirar as caixinhas em que a depositaram do lugar. Para isso, vai conjugar o verbo "amar".

Rejeição ao projeto de regulamentação do streaming une setores do audiovisual

Por Redação

Diferentes setores do audiovisual brasileiro emitiram manifestos contrários ao trabalho de Doutor Luizinho (PP-RJ) no PL do streaming. Kleber Mendonça Filho, Gabriel Mascaro, Anna Muylaert, Marieta Severo, Jorge Furtado, Joel Zito Araújo, Lúcia Murat e pelo menos mil pessoas assinaram uma carta de desagravo ao relatório de Luizinho sobre o projeto de regulamentação e taxação do streaming no Brasil.

Segundo a carta, o audiovisual brasileiro vive um momento de "enorme apreensão" após a divulgação do relatório do deputado.

O texto da lei apresenta uma série de equívocos técnicos e conceituais, dizem. Se aprovado, o PL pode trazer "graves consequências" para o futuro do cinema nacional. Segundo eles, a opinião do setor audiovisual independente brasileiro não foi levada em consideração.

"Se o projeto de lei for aprovado em seus moldes atuais, o presidente Donald Trump não precisará gastar energia para proteger os interesses das suas big techs, porque nosso congresso já estará cumprindo vergonhosamente com essa missão", afirma a carta.

A Strima, associação que reúne empresas como Netflix, Globoplay, HBO e Apple TV+, também soltou manifesto contrário ao relatório.

Para eles, Luizinho ignorou as contribuições técnicas que foram apresentadas pela entidade que representa os grandes serviços de streaming.

Segundo a Strima, questões de grande relevância, e apontadas justamente pelo segmento que será diretamente regulamentado por essa legislação, não foram contempladas nos pareceres apresentados ao longo da última semana.

"As propostas de substitutivo desconsideram anos de diálogo institucional, estudos oficiais e a experiência acumulada por quem conhece e promove o desenvolvimento e a divulgação do audiovisual no Brasil", afirma, em nota, o diretor executivo da entidade, Luizio Felipe Rocha, que assina a carta.

A Fica, Federação da Indústria e Comércio do Audiovisual, que reúne empresas nacionais de grande porte como Paris Filmes, Cinesystem e Gullane, também publicou um manifesto contrário ao relatório de Luizinho.

"Da forma como está redigido, o texto não atende aos interesses do país, pois não protege nem estimula a indústria nacional do audiovisual", afirma a nota. Segundo a entidade, o texto beneficia exclusivamente as big techs, que são "empresas que não demonstram compromisso com o desenvolvimento nacional, tampouco com o fortalecimento de nossa indústria", segundo a Fica.

"Assim, conclamamos o Parlamento a revisar o PL 8.889/2017, garantindo que ele seja um instrumento de fortalecimento da indústria audiovisual nacional, e não de fragilização", concluem.

CRÍTICA / FILME / O AGENTE SECRETO

CinenaScopio/Divulgação



Com atuação premiada em Cannes, Wagner Moura, o protagonista de 'O Agente Secreto', vem sendo apontado como potencial candidato ao Oscar de Melhor Ator na premiação do próximo ano

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Estado de paranoia

Quatro curtas-metragens de Kleber Mendonça Filho estreiam na grade da MUBI, plataforma digital dedicada a grifes autorais, nesta quinta: “Vinil Verde” (2004), “Eletrodoméstica” (2005), “Noite de Sexta, Manhã de Sábado” (2007) e “Recife Frio” (2009). Estão lá todos os elementos que aquecem

“O Agente Secreto”, o novo e mais eletrizante longa do diretor, um artista visal de Pernambuco que militou na crítica e na reportagem nos anos 1990 e 2000, a partir de uma prosa irônica, mas sempre cinéfila.

A cinefilia desenha o diálogo que cada pílula supracitada - hoje na www.mubi.com - trava com gêneros dramaturgicos, da crônica social em painel à la Robert Altman ao documentário falso (mockumentary) com ares de “filme-catástrofe”. Há em todos a tal ironia de sua escrita de resenhista e há obsessões temáticas recorrentes: o abandono de espaços urbanos à sombra da gentrificação; falhas de comunicabilidade no eixo familiar;

e intolerâncias de classes, muitas vezes algemadas ao racismo. A soma desses assuntos pavimenta o trabalho que deu a KMF o troféu de Melhor Direção em Cannes, onde ganhou o Prêmio da Crítica também, além de uma laúea da Associação Exibidora de Filmes de Arte e Ensaio, candidatando-se, no ato, a uma consagração planetária - merecida. É um trabalho de invenção pura.

Na sequência em que Seu Alexandre, projecionista de vasta experiência, pergunta ao genro há muito sumido, interpretado pelo colosso chamado Wagner Moura, “depois que a minha filha morreu, você raparigou?”, a tal dificuldade de troca franca entre integrantes de uma família - já apontada no seminal “O Som Ao Redor”, o primeiro longa de Kleber - se faz pontuar. Há uma pontuação gradual dos ranços

classistas que ele denuncia na maneira como um empresário de caráter microscópico, Ghirotti (Luciano Chirolli), trata os assassinos de aluguel Bobbi (Gabriel Leone) e Augusto (Roney Vilela, sublime em cena). O já assinalado interesse do diretor por um Recife que descasca e desbota diante do descuido do governo com a arquitetura local - e com o povo que nela habita - é perceptível na andança de Marcelo (nome inicial do personagem de Wagner) no centro da cidade e em sua incursão num carnaval que ferve a frevo, no Brasil de 1977. E o Brasil de Ernesto Geisel (1907-1996)

Não se fala nele, nem se fala explicitamente na palavra “ditadura”, mas o retrato do milico está nas paredes por onde Marcelo desfila com esse falso nome, com uma identidade falsa, disfarçando-se

para se “proteger do Brasil”, qual explica a operativa de uma célula de resistência vivida por uma Maria Fernanda Cândido em mood Monica Vitti. Sua fala expõe as chagas do regime vigente à época. Um regime de farda verde oliva que fabricava desaparecimentos para se livrar de seus desafetos.

Crocante ao longo de toda a extensão de seus 158 minutos, “O Agente Secreto” revive o jugo ditatorial que oprimiu este país a partir de 1964 (até 1985, com espasmos de retomada após o Golpe de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro) sob a ótica da paranoia decorrente do controle da nação pelas Forças Armadas. Existe um timbre paranoico por trás de cada sequência, numa operação de imprimir tons persecutórios num âmbito sinestésico.

Ao operar nessa toada, “O Agente Secreto” se soma ao precioso

so “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que nos deu o Oscar, e aplaca uma carência histórica do cinema brasileiro em relação a filmes de ficção que narrem as brutalidades estatais cometidas nos 21 anos em que oficiais militares tomaram o governo e suspenderam a democracia.

Walter goleou essa nossa angústia. KMF vem agora arrematar a partida, num sinal de que o risco de agentes militares se arvorarem a tomar o Brasil de novo pode sempre rondar os ares da pátria. Ele o faz em forma de um espetáculo cheio de alusões ao cinemão político americano dos anos 1970. Tanto que o miolo de “O Agente Secreto” é recheado com tomadas de perseguição que evocam a caça de Gene Jackman a Fernando Rey em “Operação França” (1971). Evoca-se “Três Dias Do Condor” (1975) no uso de um arquivo como cenário. Tais referências temperam o filme de KMF, mas sua brasilidade é a especiaria central, assegurada pela atuação em estado de graça de Wagner, que ganhou o Prêmio de Melhor Ator em Cannes por sua maneira de alquebrar-se, remontar-se e “desmorrer”.

Que filme notável!

Vivendo o samba entre palcos e estúdios

Cantor e produtor Leandro Sapucahy anuncia 2º volume do projeto 'Que Nem Antigamente'

Por Affonso Nunes

Um ano após o lançamento de “Que Nem Antigamente”, projeto que soma mais de 11 milhões de streams e viralizou nas redes e plataformas digitais, o cantor e produtor Leandro Sapucahy decidiu dar continuidade a esse trabalho que reconectou públicos de diferentes gerações com a tradição dos quintais e rodas de samba.

O primeiro volume do projeto trouxe 50 regravações de clássicos do gênero, interpretados por Sapucahy, que transita entre



Divulgação

Leandro Sapucahy anuncia gravação de audiovisual para dezembro e novo álbum em 2026

a preservação das raízes e uma produção contemporânea. Sua versão para “Naquela Mesa”, composição de Sérgio Bittencourt imortalizada na voz de Nelson Gonçalves e

posteriormente regravada por diversos intérpretes, traz um dueto com a filha Luysa. A faixa alcançou 22 milhões de visualizações no Instagram, 7,6 milhões no YouTube e 2,2

milhões de reproduções no Spotify, números que colocaram o álbum no Top 21 de samba e pagode da Apple Music e reaqueceram a carreira do artista.

Sapucahy avisa que “Que Nem Antigamente 2” mantém a mesma proposta de celebração do repertório tradicional. O destaque inicial é “Cama e Mesa”, composição de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, já lançada como single.

Embora seja reconhecido pelo público como intérprete, a atuação de Sapucahy nos bastidores da música talvez seja mais expressiva. Sua trajetória como produtor musical inclui trabalhos com nomes consolidados do samba, caso de Arlindo Cruz, Xande de Pilares e Reinaldo. O reconhecimento internacional veio com a produção do álbum “Samba Meu”, de Maria Rita, vencedor do Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba/Pagode. O prêmio consolidou a reputação de Sapucahy como um dos produtores mais influentes no mundo do samba.

Enquanto o novo álbum não chega, o artista prepara uma celebração de seus 20 anos de carreira, com a gravação de audiovisual em dezembro no Ribalta, tendo como convidados Jorge Aragão, Grupo Revelação, Arlindinho, Marcelo D2 e Marvvila.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Clássico remodelado

O trio Superalma lança o single “Tô Voltando pra Casa” pelo selo Cós mica Records. A faixa foi inspirada em trechos da composição “Tempos Modernos”, de Lulu Santos, e integra os preparativos para o álbum “Todo Tempo Que Virá Depois Desse Momento – Volume 2”. O grupo é formado por Bella Vox nos vocais, Frankstation no baixo e synths, e U.F.O. na guitarra e synths. O arranjo incorpora elementos da música dos anos 1980 e 2000, com influências do pop rock nacional.

Skeiltons/Divulgação



Encontro musical

Lia de Itamaracá e Daúde acabam de lançar o single “Florestania”. A faixa integra o álbum “Pelos olhos do mar”, gravado no estúdio Da Pá Virada em São Paulo, com produção de Beto Hees. Composta por Céu e Russo Passapusso, a canção conta com percussões de Pupillo e aborda temas ambientais. O disco completo reúne participações de Emicida, Chico César e Karina Buhr, navegando entre cirandas, boleros e canções urbanas. O trabalho marca o encontro entre a tradição da ciranda pernambucana e elementos da cultura afro-brasileira.

Frances Rocha/Divulgação



Soul à brasileira

O cantor Felipe Neiva lança nesta sexta (7) o single “Baby”. A faixa, coproduzida com Kiko Continentino, é o primeiro lançamento do álbum “NiKitsch/PopIshtar”, previsto para 2026. Com influências de soul music brasileira, a canção conta com participação dos irmãos Alberto, Jorge e Kiko Continentino nos arranjos. O artista, natural de Niterói e atualmente residindo em Portugal, revisita sonoridades da música negra brasileira em diálogo com R&B contemporâneo. O trabalho é uma parceria dos selos Cavaca Records e Concha (Portugal).

Divulgação



A montagem de 'Neva', texto do chileno Guillermo Calderón, pela Armazém Companhia de Teatro, recebeu indicações ao Prêmio Shell nas categorias de melhor direção e iluminação

O papel do teatro em tempos de crise

Montagem sobre atores enclausurados durante massacre histórico questiona a função da arte em tempos de violência

Dando sequência ao Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias, o Teatro Gláucio Gill recebe nesta quinta-feira (4), às 20h, apresentação única de "Neva", montagem da Armazém Companhia de Teatro que investiga a função da arte em contextos de colapso social e político. O espetáculo propõe uma reflexão urgente sobre o papel do teatro diante da violência e da tragédia coletiva. A montagem, dirigida por Paulo de Moraes, foi indicada ao Prêmio Shell Rio de Janeiro 2023 nas categorias de melhor direção e melhor iluminação, assinada por Maneco Quinderé.

Escrita em 2005 pelo dramaturgo e di-

retor chileno Guillermo Calderón, "Neva" se passa em São Petersburgo, então capital do Império Russo, em 9 de janeiro de 1905, data que ficou conhecida como Domingo Sangrento. Naquele dia, manifestantes que marchavam para entregar uma petição ao Czar, pedindo melhores condições de trabalho nas fábricas, foram fuzilados pela Guarda Imperial. A ação do espetáculo, no entanto, se passa dentro de um teatro, onde um ator e duas atrizes que iriam se encontrar para ensaiar "O Jardim das Cerejeiras", de Anton Tchekhov, acabam se abrindo do massacre que acontece nas ruas.

Uma das atrizes trancadas dentro do teatro é a alemã Olga Knipper, interpretada

por Patrícia Selonk, primeira atriz do famoso Teatro de Arte de Moscou e viúva do dramaturgo russo Anton Tchekhov. Sentindo-se incapaz de representar depois da morte do marido por tuberculose, acontecida há seis meses, e na tentativa de seguir vivendo enquanto lá fora a cidade desaba, Olga instiga Masha, vivida por Isabel Pacheco, e Aleko, interpretado por Felipe Bustamante, a encenarem repetidamente com ela a morte de Tchekhov.

A partir desse desassossego, entre incertezas artísticas e embates políticos, a pergunta que mais se impõe é "para que serve o teatro?". Com um humor feroz, Calderón escreve sobre uma Rússia conflagrada politi-

camente no início do século 20, mas reflete sobre o seu Chile da década de 1970, marcado pela ditadura de Pinochet, e talvez sobre o Brasil de anos recentes, tempos em que "tudo o que tem água está congelado, inclusive os homens", como diz uma das personagens.

A discussão feita pelos personagens oscila entre a afirmação da absoluta necessidade da arte — "temos que fazer teatro. Temos que fazer uma peça que nos cure a alma" — e da sua total irrelevância — "pra que perder tempo fazendo isso? O teatro é uma merda. Querem fazer algo que seja de verdade: saiam às ruas". Essa tensão atravessa toda a montagem, sem oferecer respostas fáceis ao dilema.

"Calderón propõe um tipo de teatro que me encanta porque é um teatro eminentemente político, mas que se propõe a mergulhar em uma linguagem poética cortante e num humor extremamente ácido. A partir de acontecimentos surpreendentes, no meio de muitas toses e promessas vagas de amor, ele levanta perguntas muito provocativas. Perguntar bem, perguntar mais e melhor, esse é o teatro que me interessa", destaca o diretor Paulo de Moraes.

Desde sua estreia em abril de 2023, o espetáculo tem circulado pelo país com reconhecimento de público e crítica. Sua última temporada em palcos cariocas se deu em março 2024 na Fundação Progresso. A crítica especializada destacou a relevância política da peça e a profundidade do texto de Calderón, que estabelece paralelos entre diferentes contextos históricos de repressão e resistência.

O Domingo Sangrento de 1905 foi um dos eventos que precipitaram a Revolução Russa de 1917, marcando o início do fim do Império dos Romanov. O massacre de manifestantes desarmados que apenas pediam melhores condições de vida expôs a brutalidade do regime czarista e radicalizou setores da sociedade russa.

Ao escrever a peça, Calderón olhava para a Rússia de 1905, mas também para o Chile de Pinochet, país onde nasceu e cujas feridas históricas marcam profundamente sua obra. A ditadura chilena (1973-1990) deixou milhares de mortos e desaparecidos, e o trauma desse período continua reverberando na sociedade chilena. A montagem do Armazém Companhia estabelece novos paralelos com o contexto brasileiro recente, marcado por ataques à democracia e à cultura.

SERVIÇO

NEVA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)
6/11, às 20h
Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Reconexão com a espiritualidade

Cia Sonharteiros encerra temporada de espetáculo que resgata memórias e saberes ancestrais da diáspora africana

A Cia Teatral Sonharteiros apresenta neste sábado e domingo (8 e 9) as últimas sessões de “Antes Que Me Contem Outras Histórias” no Teatro Ruth de Souza. O espetáculo propõe uma reflexão cênica sobre memória, ancestralidade e identidade afro-brasileira através de uma linguagem que integra teatro, dança e corporalidade.

A montagem estrutura-se a partir do conceito de Sankofa, filosofia de origem africana que preconiza o retorno às raízes como caminho necessário para a construção do futuro. Em cena, o elenco articula narrativas que re-



Josélia Frazão/Divulgação

A montagem estrutura-se a partir do conceito de Sankofa

metem à travessia atlântica e aos saberes apagados pelo processo colonial, propondo uma reconexão com a espiritualidade e os afetos que fundamentam a cultura negra no Brasil.

Com encenação de Cridemar Aquino e direção de movimento assinada por Aedda Mafalda, o trabalho utiliza a água como elemento simbólico central, representando simultanea-

mente a travessia, o nascimento e a resistência. O fluxo aquático conduz a dramaturgia num paralelo entre o movimento dos corpos em cena e a permanência da memória coletiva.

“Trazer esse espetáculo para o Teatro Ruth de Souza é mais do que uma apresentação, é uma celebração da nossa história. Cada gesto e cada palavra reafirmam que o teatro preto é um espaço de cura, de reexistência e de amor pelo que somos”, destaca Cridemar Aquino.

A coordenadora artística da companhia, Graciana Valladares, enfatiza a relevância de ocupar um espaço que homenageia uma atriz pioneira na representatividade de artistas negros. “É de imensa importância trazermos nossas histórias para o palco a partir de pesquisa. Estamos levando esse trabalho para um outro teatro, o Ruth de Souza, que foi uma pioneira na presença da mulher negra nos palcos. Trazer este espetáculo para esse espaço tem uma grande relevância para o quadro teatral carioca”, comenta.

SERVIÇO

ANTES QUE ME CONTEM OUTRAS HISTÓRIAS

Teatro Ruth de Souza (Parque Glória Maria - Rua Murinho Nobre, 169 - Santa Teresa) | 8 e 9/11, às 17h
Ingressos a partir de R\$ 15

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Pérola do samba

“A Pérola Negra do Samba”, musical sobre Jovelina Pérola Negra, encerra temporada neste domingo (9) no Teatro Carlos Gomes. Com texto de Leonardo Bruno e direção de Luiz Antonio Pilar, o espetáculo traz Afro Flor no papel da sambista, ao lado de Thalita Floriano, Fernanda Sabot e Thiago Thomé, que interpretam figuras marcantes da trajetória da artista, incluindo Clementina de Jesus. A montagem utiliza canções de Jovelina e tem como fio condutor a personagem Dona Cebola, do samba “Feirinha da Pavuna”.

Luiz Antônio Pilar/Divulgação



Hugo Moura/Divulgação

Fruto da negligência

O espetáculo “Na Quinta Dor”, com direção e atuação de Dora de Assis, encerra temporada neste domingo (9) no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto. A montagem aborda, por meio de relatos autobiográficos, as marcas deixadas no corpo após experiências de negligência no ambiente hospitalar. A artista e educadora utiliza sua trajetória para discutir a relação entre arte, educação e existência. Com abordagem que mescla leveza e humor, o trabalho explora os impactos físicos e emocionais dessas vivências e suas permanências no corpo.



Van Brígido/Divulgação

Viver intensamente

A comédia “Músicas Que Fiz Em Su Nome”, com Lai-la Garin, encerra temporada neste domingo (9) no Teatro Adolpho Bloch. O espetáculo parte de reflexão da filósofa Viviane Mosé sobre a necessidade de sentir as emoções intensamente. A montagem narra a história da personagem Leide Milene por meio de 18 canções brasileiras que atravessam diversos gêneros musicais, incluindo baladas, boleros, sertanejo e bossa nova em texto que marca a estreia da atriz como autora. O repertório eclético torna-se um catálogo de emoções vividas pela personagem.

CRÍTICA / LIVRO / ATÉ QUE DEU CERTO

Por Ana Paula Sousa
(Folhapress)

“Sinceramente, você é um caso perdido. Nunca vai chegar a lugar nenhum, nunca vai ser nada na vida do jeito que está indo (...) Qual é o seu problema? Você deveria fazer um exame de cabeça. Você não consegue fazer nada de útil?”

O vaticínio do pai, como indica a autobiografia “Até que Deu Tudo Certo”, lançada mundialmente nesta terça-feira (4), bateu fundo no jovem Anthony Hopkins. Ele era então um estudante cujo comportamento e cujas notas o faziam ser visto, no caro internato em que estudava, como um caso perdido.

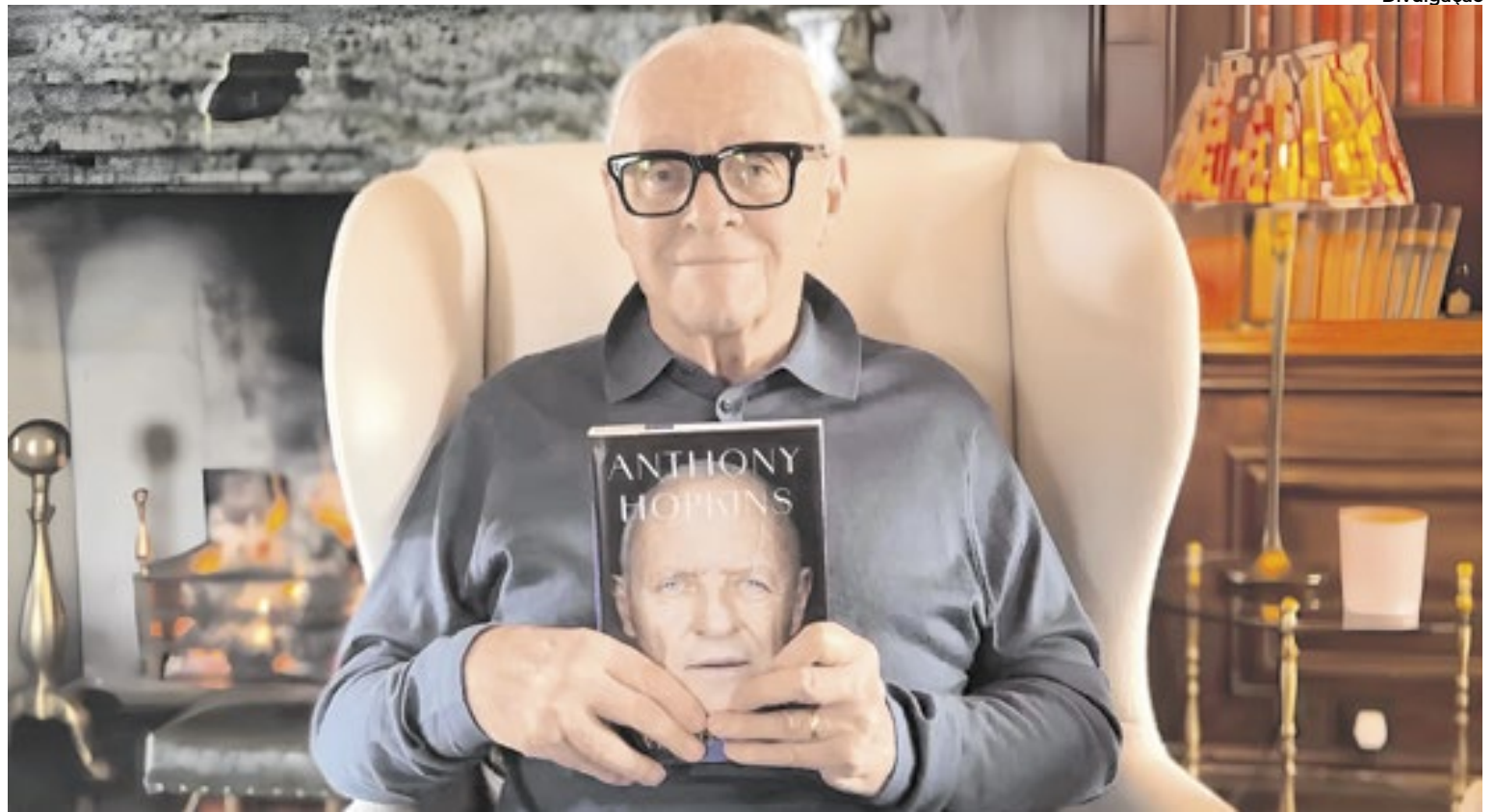
Bater fundo, aqui, não significa, porém, abatimento. Ao contrário. No livro, Hopkins conta que, diante do acesso de fúria paterna, presenciado pela mãe, ouviu uma voz “suave, ponderada” sair de sua boca: “Um dia vocês vão ver. Vou mostrar para vocês dois”.

Talvez não seja exagero dizer que “Até que Deu Tudo Certo” é a forma de Hopkins, aos 87 anos, provar que seus pais e professores estavam errados. Seguindo os princípios da “jornada do herói”, muito usada em roteiros, o astro relata um percurso comum a muitos artistas de sucesso.

Temos o jovem solitário e inadequado que, a certa altura, ouve o “chamado à aventura” —no seu caso, representado pelo convite para fazer um pequeno papel numa peça de Páscoa na associação cristã de moços de seu bairro. Vêm depois as muitas provações e, por fim, a recompensa.

É no palco, ao dizer sua primeira fala em cena —“Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra”—que o garoto apelidado na escola de “Dennis, o Burro” e, na rua, de “Cabeça de Elefante”, começa a vislumbrar um futuro menos sombrio.

Seu relato carrega a contradição de tratar, como fatos concretos, episódios ressignificados pelo tempo —



Em sua autobiografia, o astro Anthony Hopkins conta como desafiou os pais, ficou sóbrio e encontrou Deus

Acerto de contas com o passado

o caso da sua tomada de consciência da morte aos quatro anos de idade. Esse aspecto de linguagem, que empobrece os momentos intimistas, impacta menos o retrato de sua trajetória profissional.

É com riqueza de detalhes que Hopkins narra as passagens por cursos de teatro e companhias britânicas a partir de meados da década de 1950. Nessa fase, enquanto o talento abria portas, a tendência ao isolamento e o comportamento irascível as fechavam.

À instabilidade emocional, agravada pelo alto consumo de álcool, se somava a falta de uma técnica mais lapidada. A virada se daria a partir de 1961, quando se tornou aluno da Real Academia de Arte Dramática. Em 1967, ele substituiu Sir Laurence Olivier em “A Dança

da Morte”, de August Strindberg. Em 1968, graças a um convite de Peter O’Toole, estreou no cinema em “O Leão no Inverno”.

Hopkins narra a escalada rumo ao sucesso de forma objetiva, quase como se ainda hoje tivesse dificuldade de se conectar a emoções mais complexas. Isso não significa que ele seja complacente consigo mesmo —ao contrário até.

Há, contudo, uma fina camada da intimidade que parece não ser rompida sequer quando ele descreve a relação destrutiva que teve com a primeira mulher, mãe de sua única filha, Abigail.

O mesmo se pode dizer de sua descrição do alcoolismo. A bebida tem, como em quase todas as biografias de alcoólatras, papel central. Mas, ainda que ele diga ter chegado

ao fundo do poço, com alucinações e um corpo em frangalhos, o fim da dependência é descrito quase como em um passe de mágica.

Em dezembro de 1975, diz, “o desejo de beber se foi”. Nesse momento, ele entrou para o grupo Alcoólicos Anônimos, conheceu os 12 passos e “encontrou Deus”.

A sobriedade fez nascer um outro ator, aquele das performances memoráveis como as vistas em “O Homem Elefante”, de 1980, “O Silêncio dos Inocentes”, de 1991, e “Nixon”, de 1995 —para ficar em três títulos mencionados no livro.

Sobre “O Silêncio dos Inocentes”, ele escreve: “O que há de extraordinário (...) é que todo mundo que participou do filme sentia que aquele era o melhor trabalho que já havia feito”. É do relato sobre o re-

cebimento do Oscar por esse papel que vem a frase que dá título ao livro: “Sim, até que deu tudo certo”.

Curiosamente, embora o leit-motif da narrativa seja “continue em frente, nunca olhe para trás”, seu norte é o passado no qual os fantasmas da ansiedade, da depressão e da solidão rondavam o ator.

No presente, muito marcado pela vida com a terceira mulher, Stella, Hopkins é um senhor idoso, “paciente e gentil”, que estava dormindo em casa quando foi anunciado o Oscar para sua atuação em “Meu Pai”, de 2020.

O herói, hoje, gosta de frases com um quê motivacional como “a vida acontece agora” e segura nas mãos sua recompensa: “Sonhei um grande futuro e, ao fazer isso, criei um futuro glorioso para mim”.

Divulgação